

Boletim **O Gabelense**

ano vi – nº 12 | junho 2003



imagens da gabela
**recordar
é viver**

gabelense de sucesso
**o coleccionador
de empresas**

a direcção

Com toda a turbulência que assistimos pelo mundo e também cá por dentro no nosso país, neste Portugal pequenino mas cada vez mais controverso e sem exemplos de moderação e/ou bom senso, satisfaz-nos salientar a durabilidade da nossa Associação - OS GABELENSES -, da nossa solidariedade, que é o elo de ligação de todos nós, espalhados do Minho ao Algarve que, todos os anos, fazemos questão e nos empenhamos em nos reunir em Mogofores, no Parque das Merendas, no último domingo de Junho de cada ano, aproveitando escassas horas para nos encontrarmos, mitigar saudades, revendo velhos e saudosos

amigos que, em comum, trabalharam para a continuidade de Portugal pelos sete cantos do mundo, no nosso caso, muito particularmente em Angola - Amboim - Gabela, que tanto amamos e respeitamos como terra nossa... Ali construímos e dedicámos à terra o que de melhor tivemos para dar em prol de todos, desenvolvendo a agricultura, pecuária, comércio e indústria, criando uma sociedade integrada e próspera, que beneficiava desse desenvolvimento para a sua manutenção e também do ensino, cultura e meios e comunicação e de transportes que se implementaram e que antes da retirada (êxodo) era uma realidade: o concelho do Amboim estava em franca prosperidade e o seu desenvolvimento incontestado, devia-se

ao labor das suas populações que contribuíram para a sua manutenção e progresso, apoiado num sector económico fortemente ligado à agricultura - cultura do café, o ouro negro de Angola, de que o Amboim detinha uma marca (lote) de referência.

Será para recordar esses bons tempos, que nos voltaremos a reencontrar, em Mogofores, no Parque de Merendas, no último domingo do próximo mês de Junho - **dia 29 de Junho de 2003** -, elegendo-o como o dia da união dos Gabelenses. Esforcem-se para estar presentes, mantendo a chama de uma solidariedade que sempre foi nosso apanágio e de que sempre nos havemos de orgulhar.

índice

editorial	página 2
encontro de mogofores 2003	página 3
um gabelense de sucesso	página 4
ai ué angola	página 6
recordar é viver...	página 7
crónicas da minha terra	página 10
angola: o conhecimento necessário	página 15
vivo a sonhar meditando...	página 16
mais um pouco de angola	página 17
o café do mundo	página 20
o bushinha lusitano	página 22
humor aos pedaços	página 23

ficha técnica**propriedade**

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses

composição gráfica

Elsa de Almeida

impressão

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

encontro: mogofores 2003

a direcção

Como vem sendo hábito, no próximo dia 29 de Junho de 2003 - **último domingo** - realizar-se-á o encontro anual dos Gabelenses, que terá lugar no Parque de Merendas de Mogofores, Anadia, com início pelas 10h00, prolongando-se por todo o dia.

Após as boas vindas, seguir-se-á pelas 13h00 a abertura das merendas com acompanhamento de música ambiente angolana e farra ao longo da tarde.

Os interessados poderão fazer, na oportunidade, o pagamento das respectivas contribuições (cotizações e ainda a actualização das moradas para recepção do Boletim.

Lamentamos não poder contar com a presença do nosso querido amigo e colaborador Padre Manuel Duarte Alexandre sócio honorário n.º 5 - para recebermos o conforto e bênção da sua santa missa. Iremos, contudo, recordá-lo, pedindo que se restabeleça da sua saúde muito debilitada, que o impede de se deslocar.



Venham e tragam um amigo - apelamos à presença de todos – é o dia de festa para todos os GABELENSSES.



o coleccionador de empresas

Mais uma notícia que nos chega dos Estados Unidos da América, enviada pelo nosso colaborador António P. Fernandes, residente em Newark, Estado da Califórnia. O gabelense de sucesso é Jorge Fernandes, com a notícia que abaixo transcrevemos que conta a história em terras do Tio Sam do “coleccionador de empresas”.

Saiu da Gafanha para Silicon Valey como aprendiz de electricista. Tirou o diploma em San Diego e começou a criar empresas tecnológicas em 1987

Há vinte e três anos quando os pais decidiram emigrar para a Califónia, o jovem Jorge Fernandes, mesmo armado de muita futurologia, dificilmente se imaginaria como coleccionador de “start-ups” na área da alta tecnologia. Angolano da Gabela, nascido no tempo colonial, é um dos filhos da descolonização. Na ex-metrópole, foi aprendiz de electricista na Gafanha da Encarnação, perto de Aveiro. Mas, como os pais não conseguiam emprego estável, a família aproveitou a “boleia” de uma tia radicada em São Francisco, para em 1990 reorganizar a vida na região do famoso Silicon Valley. O jovem aprendiz tirou, então, um diploma de engenharia electrotécnica na Universidade Estatal de San Diego, no sul da Califónia. Com o projecto de final de curso criou aos 23 anos a sua própria empresa de jogos de vídeo – a Lazer Tron –, que viria a ficar sediada no famoso vale.



Jorge Fernandes, 38 anos, Natural de Gabela

Aprendiz de electricista na região de Aveiro; Radicado na Califónia desde 1980; Engenheiro electrotécnico pela Universidade de San Diego.

1ª empresa criada em 1987: Lazertown (sediada no Silicon Valley em 1988); Criação mais recente: VivoTech, 2001, já depois do “crash” bolsista

Conceito da gama de produtos: pagamentos à distância via cartão inteligente (com “chip” ou telemóvel; Investimento: 6,5 milhões de dólares; Primeiros 6 meses de facturação: 1,2 milhões de dólares

Mercado actual: Estados Unidos da América; Mercados-alvo em 2003: Países Nórdicos, Península Ibérica, “tigres” asiáticos

Rede de escritórios: sede em Santa Clara (Silicon Valley), Nova Iorque, Londres, Singapura e Seul

Berço da revolução

Jorge Fernandes não mais largaria o berço da terceira vaga: “É crítico estar aqui em Silicon Valley. Só aqui se encontra um leque de recursos e tecnologias que facilitam a vida na fase inicial de projectos empresariais”, sublinha.

A Lazer Tron entraria no NASDAQ (bolsa de valores tecnológicos norte-americana) em 1992 e seria vendida à Acclaim Entertainment três anos depois. Entretanto, Jorge criara outra empresa, em 1993, a Bio Lumin na área da instrumentação para a investigação bio-tecnológica. A jovem empresa seria vendida à Molecular Dynamics também 3 anos depois. Já em pleno período de emergência da nova economia ligada à Web, fundou a EmployeeLife.com no Verão de 1997 no quadro de um grupo “incubador”, o Internet Capital Group. Esta empresa de software para gestão de recursos humanos baseada na Web seria vendida em Setembro de 2000 à Unun Provident, já depois do “crash” bolsista.

Pagamentos de proximidade

Depois da experiência da nova economia, Jorge Fernandes faria um interregno de ano e meio até que uma ideia lhe “surgiu a jogar golfe”. Lançou-se, então, no desenho de um novo projecto aproveitando a emergência da geração de “pagamentos de proximidade”, tornados possíveis pela massificação do uso de telemóveis e pelo lançamento de cartões “inteligentes” dotados de “Chip” (cartões sem fita magnética no verso). O conceito de pagamento de

proximidade vem do facto de não haver contacto físico do cartão de débito ou de crédito com o leitor no terminal ponto de venda.

A ideia conquistou Mohammad Khan, um sénior do sector, um dos primeiros empregados em 1984 da VeriFone. Jorge baptizou o projecto com “um nome de sabor português e que desse uma ideia de algo dinâmico, de uma tecnologia bem viva”. VivoTech foi, então, criada em Maio de 2001 e já em 2002, no auge da recessão americana, conseguiu mobilizar 6 milhões de dólares de capital de risco e “captar clientes disponíveis para ouvir a nossa história sobre um novo produto”, recorda.

O funcionamento do novo meio de pagamento é simples. O cliente pode fazê-lo de dois modos. Se dispõe de um cartão “inteligente” com “chip” e antena concebido pela VivoTech basta apontá-lo para um leitor criado também pela empresa que se instala em minutos num terminal ponto de venda. A comunicação faz-se por rádio frequência. Se tem telemóvel ou um assistente pessoal digital (o PDA da moda), a ordem de pagamento transmite-se por infravermelhos ou por radiofrequência.

Jorge Fernandes garante que o método reduz a fraude – que soma anualmente 1,5 milhões de dólares nos EUA – e a sua instalação no país pouparia 15 mil milhões de dólares em relação ao custo do sistema alternativo. O Citibank (maior emissor de cartões nos EUA), a MBNA (o segundo emissor) e o Chas já são clientes.

Apetite móvel

A tecnologia é, naturalmente, apetitosa para operadores de telecomunicações móveis e fixas, bem como para todo o tipo de empresas que usem pré-pagos, programas de fidelização e promoções electrónicas. Daí que os mercado-alvo sejam as regiões de maior “celularização” ou seja, com maior densidade de uso de telemóveis e PDA, quer nos Estados Unidos quer na Europa (países nórdicos, Península Ibérica, Reino Unido) refere ainda o fundador VivoTech, nos “tigres” asiáticos “mais agressivos no uso de tecnologia” (a empresa tem escritórios em Singapura e Seul). Na Europa, iniciou um projecto-piloto no Reino Unido deverá lançar novos testes, no segundo trimestre de ano, incluindo a Península Ibérica.

Em quinze anos, Jorge Fernandes fundou quatro empresas de tecnologia. O ingrediente do sucesso é uma mistura: “à minha criatividade no desenho do projecto e à capacidade de lançar empresas, procuro associar um sénior que o conheça o mercado; o resto é 99% de sorte”.

O leitor e o cartão com “chip” criados pelo jovem português na América



ai ué Angola

são marques

Angola é um país maravilhoso, uma terra magnífica! Só tem uma coisa miserável - a mente deste povo!... Esta era a opinião de uma médica cubana que conheci em Luanda. Até que ponto ela teria razão, é a questão!...

Mas Angola foi, é e será também a terra das oportunidades e dos oportunistas. Senão vejamos o caso de Manuel X (evidentemente que não é este o nome).

Na época da intentona de Nito Alves (finais da década de 70) em que políticos foram perseguidos e alguns dirigentes infelizmente mortos, Manuel X era um dos maqueiros num determinado hospital de Luanda. Certo dia, um ministro entrou aflito naquele hospital pedindo-lhes protecção (perseguiam-no os "comparsas" de Nito Alves). Manuel X tomou a iniciativa de esconder o ministro e fê-lo com sucesso, impedindo assim mais uma assassínio. O ministro reconhecido prometeu gratificar Manuel X.

Algum tempo depois Manuel X tornou-se Director da TAAG. Perito em lábua, salta para Director de uma firma italiana de importações e exportações.

Lembro-me de ler mais tarde um artigo sobre ele numa revista em que afirmava "sou rico, quero ser mais e não tenho vergonha"...

Nessa época, fui a uma das festas a casa de Manuel X em Luanda e garanto-vos: foi espectacular!

Puro surrealismo... a passagem de "modelitos", "made in Itália" e "made in Paris", cheias de lantejoulas e brilhos ofuscantes ao desfile de altas individualidades (e respectivos seguranças) e à elevada quantidade e qualidade de iguarias... Nunca vi tanta ostentação... Era uma miragem, no pântano do infortúnio... Ai ué angola...

Angola será sempre país dos contrastes... A maioria demasiado pobres... mas alguns muito... muito ricos!

Acabou a guerra... ótimo!...

Será que a corrupção irá acabar?

O que irão fazer milhares de soldados dos dois lados, que nada mais sabem fazer?

Há uma luz ao fundo do túnel... há esperança!

Eu espero sinceramente que Angola comece a produzir e que termine o pesadelo da fome num país tão rico.

Eis uma história de caçadas do meu pai...

Certa vez ia sendo um caçador-caçado... Decidira caçar um crocodilo, para mandar fazer um cinto e uma carteira de bolso. Montou vigilância junto ao rio de Longa-nhã, ao fim do dia. Fixou a lanterna acesa para o rio esperando identificar um ruído atrás de si, virando-se rapidamente pôde verificar que vinha um crocodilo de boca totalmente aberta em sua direcção. Deu um salto, para o evitar e alvejou-o de seguida... aprendeu uma lição, mais uma vez - **é necessário estar alerta!**



recordar é viver...

josé santos

A convite da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), estive em Angola, mais concretamente em Luanda, em Dezembro de 2002, a fim de dirigir um curso de Treinadores de Nível I.

Juntamente com o meu colega Júlio Cirino, também ele técnico Nacional da Federação Portuguesa de Atletismo, formámos 22 novos treinadores das províncias de Luanda, Bié, Bengo e Benguela, no âmbito da Solidariedade Olímpica.

Como há nove anos não me deslocava a Luanda, foi com entusiasmo e alegria, mas também algo nostálgico e expectante, que pisei de novo solo angolano.

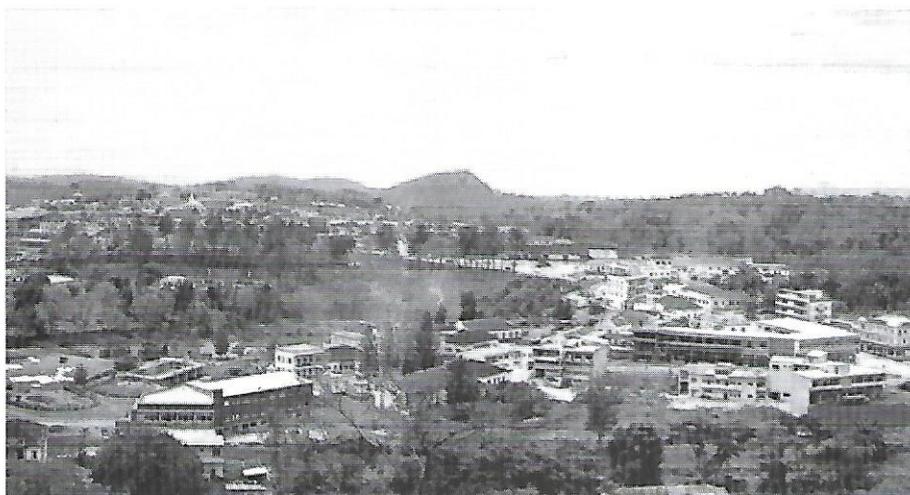
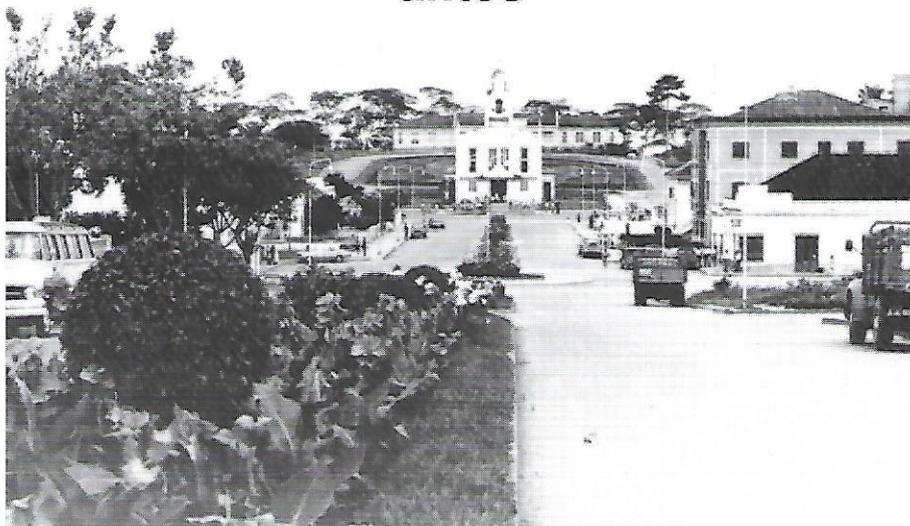
Que prazer rever amigos, visitar locais com paisagens únicas, ouvir e sentir aqueles sons, cheiros e ruídos tão característicos da paisagem africana!...

Num desses encontros de amigos, que satisfação reencontrar antigas colegas de estudos, as irmãs Rosário e Fernanda Carrolo!

Quanto júbilo e prazer quando, em sua casa, saboreámos uma *fundada* com todos os “*matadouros*” - feijão, óleo de palma, calulo, entre tantos outros!...

Quão nostálgico e quanta felicidade quando constatei, a convite da colega Rosário, que poderia visitar lugares da minha longínqua infância donde saliento, naturalmente, a nossa querida e saudosa Gabela!

antes



Contudo, *"não há bela sem senão"*!

O meu dever profissional falava mais alto!

Quanta pena por ver fugir, uma vez mais, a concretização ardente, de um sonho tão antigo!...

Todavia, com que prontidão e gentileza aquiesceu à minha solicitação de tirar mais e mais fotografias da nossa Gabela nos dias que correm!...

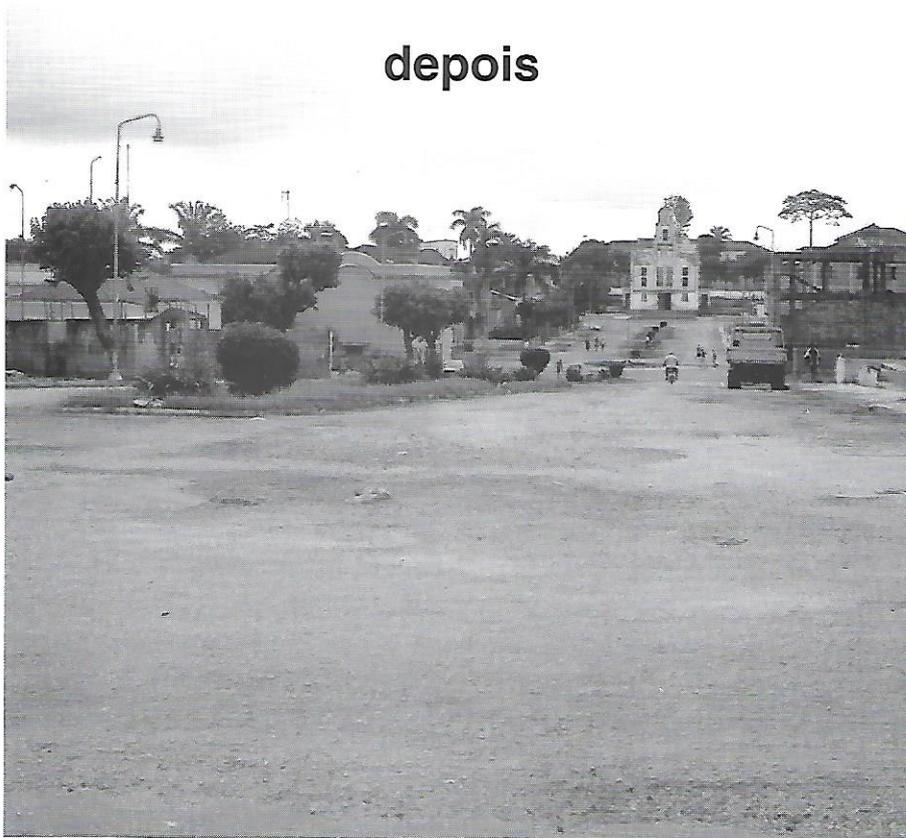
Foi com alegria e igualmente um misto de tristeza, que me revivi naquelas fotos.

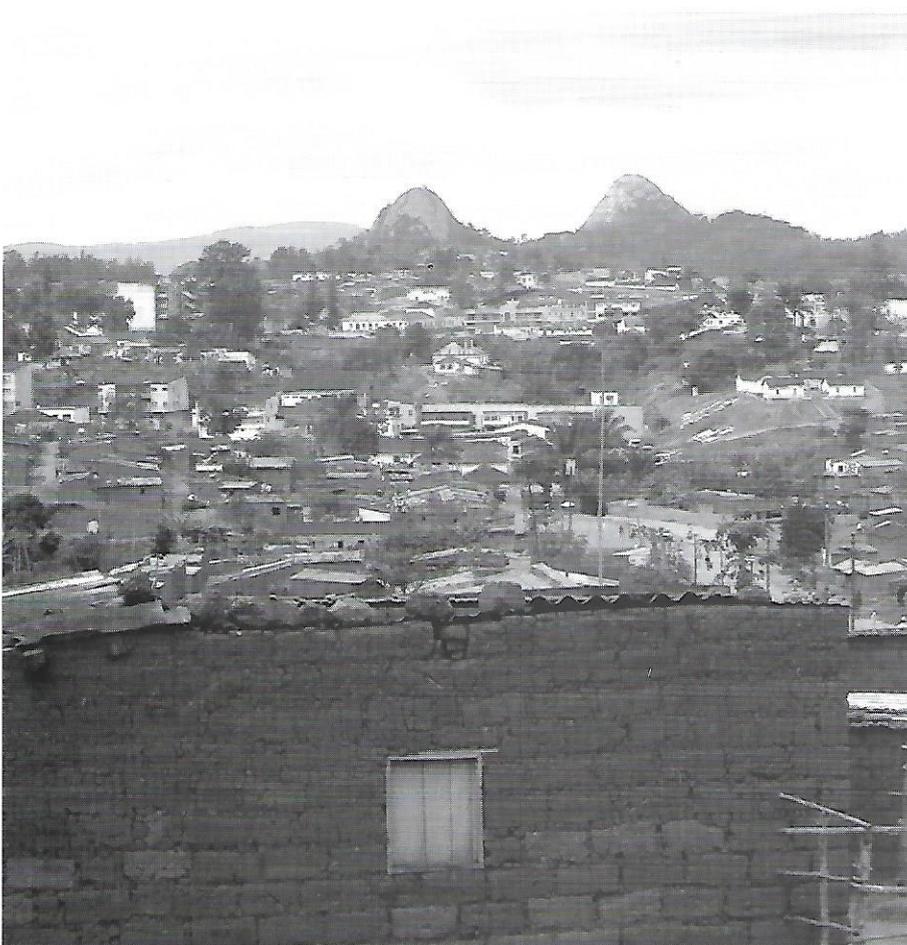
Com que velocidade desfilaram diante dos meus olhos, anos e anos duma juventude feliz, acompanhado dos meus entes mais queridos, naquela amálgama de cores vivas!...

Foi difícil a tarefa de seleccionar apenas algumas fotos daquele esplêndido registo fotográfico..., mas é com enorme orgulho e satisfação que, convosco, vou partilhar aqueles momentos únicos.



depois





crime na estação do caminho de ferro

luís de souza

Ano de 1946. O mês era o de Abril. O dia, o da última bâtega de água que tempestuosamente fustigara aquela manhã de quinta-feira.

Ao alvorecer, estrato-nimbos matizados por coloridos de alacridade esplendorosa: anúncio de um dia esperadamente solarengo. Sem cirros, sói por dizer-se, depois da tempestade a bonança.

A borrasca havia entrado em declínio: períodos de intensidade pluviométrica em gradação decrescente; aberturas de céu azul e sol radiante alternam, com aguaceiros esporádicos; ora ali ora acolá, estrato-nimbos em mutação ganham perfis de nuvens encasteladas: cúmulos, cúmulo-nimbos, em crescendo de tamanho e brancura; carantonhas bizarras; monstregos marcados por certa diafanidade de contornos como que se talhados em gigantescos flocos de algodão deixados ao sabor do vento; variações caleidoscópicas de forma e colorido sucedem-se arrastadas nas alturas, sem pressa, devagar, placidamente.

Chuvas grande, torrenciais, de partida. As pequenas, essas, costumam aparecer por voltas de Outubro e vão-se embora em Março.

Chuvas grandes... Fortes aguaceiros... Pingos grosso, pesados. Relâmpagos em serpenteios agigantados com estalidos estridentes como se foram de

chicotadas, ziguezeiam estonteantes, espectaculares. Rasgam os ares, fulminam os céus. Trovões atroam, ecoam aterradores. Ao afastarem-se como que para ganhar balanço e voltar, ribombam, entrementes, na lonjura da distância. Chuva e sol: sol de trovoada, dores de cabeça, constipações, gripes, febres palustres, cuidados redobrados com as crianças. Aproximam-se a época seca.

Época seca... "Gravana": vendavais sussurrantes; por vezes rajadas na horizontal contrariando os habituais ventos de convecção. Está-se entre a segunda quinzena de Abril e parte do mês de Maio.

O cacimbo não tardará.

Cacimbo, humidade, frio que chega aos ossos. É o cacimbo que marca, que caracteriza o clima das terras do café carecente de sombreamento adequado e índice particularmente elevados de humidade.

Pela estação, descendo por ali abaixo, subindo por acolá acima, junto à Casa da Beira e ao longo da estrada a subir para a Sétima, o cafezal dos Moutinhos estendia-se, luxuriante, em matagal amalgamado com outras plantas - árvores - de entre as quais aquelas de porte, altas, a servirem de sombreamento e cujos frutos, pequenas bagas escuras de polpa clara, alimentam aqueles passaricos castanho-acizentados e de bico

amarelo semelhantes no tamanho, na forma e no jeito, aos melros de Portugal.

Estampido. Estilhaços de vidro e pequenos pedaços de madeira arrancados da janela restolham pelo chão. Um corpo tombado. Uma poça de sangue.

O maquinista acabara de ser morto, assassinado com um tiro, ali, naquele compartimento da estação do caminho de ferro que servia de lavabos e cuja única janela, sem persianas nem cortinas, abria-se na fachada voltada para da Sétima.

Ao fundo, o tocar os cafeeiros, na muralha erguida no seguimento da referida fachada da Estação, a lateral esquerda, onde aquela mesma janela se abria, um vão, o vão do portão largo por onde entrava o comboio.

Ainda não era tarde. Já a noite, porém, vinha de cair e depressa. O comboio apitou. Silvo agudo. Lançando fumo pela chaminé, irrompia naquele instante pela passagem de nível sem guarda na proximidades da casa de sobrado que pertencia ao comerciante Francisco de Almeida vis-a-vis com a Casa Carioca, a casa de modas do Bastinho.

Um vulto de homem acocorado no arvoredado, junto a um cafeeiro, move-se ao sentir de modo particular naquele dia os tímpanos atingidos pela agudez do silvo do apito do comboio que vinha a

chegar. Soergue-se agitado. Hesitante, levanta-se. Empunha na mão direita uma arma de fogo. Um passo em frente. O comboio roda agora em cadência mais lenta na outra passagem de nível sem guarda chegada à Casa da Beira. Atravessa o portão. Chiam os freios. Um pouco mais à frente encosta à plataforma de cimento e pára. Término da Estação.

Cumpridas as costumadas formalidades do fim da viagem começada em Porto Amboim, o maquinista abandona a máquina que, entrementes, ainda não deixara de fumar. Na esteira do que era rotineiro, entra no compartimento dos lavabos. Tira a camisa. Estava de tronco nu e começara a lavar-se quando o tiro o atinge mortalmente.

A instrução do processo crime, os celeberrimos autos de corpo de delito, foi cometida ao Aspirante Administrativo, Quintanilha, que nunca deixara por mãos alheias a sua fama de funcionário administrativo duro, insensível, frio, cruel, a despeito da enorme simpatia que infundia na vivência e trato com as camadas sociais mais favorecidas e de que ele fazia parte. Força bruta, dura e informe. Era o poder.

Nas diligências investigatórias, o Aspirante Quintanilha tinha a coadjuvado os cipaios, Fernando e Pompeu, sendo estes, por seu lado, ajudados por três capitas nas buscas e procuras por sanzalas e lugarejos onde seria suposto encontrarem-se amigos e familiares próximos do maquinista assassinado. Era a procura e busca de indícios, depoimentos orais e factos probatórios que se impõem à uma boa investigação susceptível de conduzir ao apuramento

da verdade.

Desta feita, chegou-se a saber que sempre, duas vezes por semana, que o comboio parava para meter água naquela espécie de fontanários - e demorava-se - lá à frente no alinhamento do lugar designado por Turbinas do Albano Ferreira, o maquinista deixava a respectiva tarefa entregue aos cuidados do seu ajudante. Afasta-se, então, seguido pelo carreiro que subia a colina. Ao chegar ao topo do monte coberto de capim, arbusto e arvoredo, o seu vulto ia gradualmente desaparecendo à medida que descia a ladeira oposta.

Lá em baixo, próximo do regatozinho de águas crislatinas a saltitar cantarolando de fraga em fraga, erguia-se uma cubata com um pequeno terreiro plantado por algumas poucas árvores de fruto, de entre as quais se destacava uma pequena laranjeira onde um casal de peitos.-celeste nidificava.

Por aquelas andanças e cenários paradisíacos se embrenhava o maquinistas e, por instantes, de bom grado esquecido do mundo, se deixava perder enrolado com a Conceição em amores espúrios e devaneios infindos.

A Conceição era a mulher do Mário. Durante o dia, este homem de índole pacata e sem historia, trabalhava, não muito longe dali, numa das feitorias de uma das rocas da C.A.D.A.. Lia e escrevia bem. Tinham por ele apreço e gozava de alguma consideração. Por isso mesmo tinha funções no armazém, assim um tanto ou quanto ao jeito de ajudante do encarregado.

Como não será segredo para ninguém, o marido é sempre o último a saber. E,

como não poderia deixar de ser, dia veio em que chegaram zunzuns aos ouvidos do Mário.

A confissão da infidelidade fora arrancada a custo de muros demolidores, pontapés e chibatadas. Maltratada, a Conceição conseguiu fugir e acoitar-se em casa da mãe, no Inconcom.

Foi no Inconcom que o cipaio Pompeu tomou o fio à meada de todo o enredo do crime.

Pompeu, Fernando e os três capitas, seguiram palmilhando o carreiro que servira de caminho às subidas e descidas do maquinista. Encontraram a cubata que procuravam fechada. Cá fora, dois gatos puseram-se em fuga assustados com a presença dos intrusos. Os pequenitos, delicados, amorosos peitos-celeste não se desaqueietaram com a chegada daqueles sujeitos patibulares rompendo sem cerimónia a quietude e sossego do lugar onde parecia não se ver viva alma. Indiferente, continuaram os peitos-celeste em gracioso saltitar de galho em galho na laranjeira que florira e deixava no ar o doce aroma de perfume inebriante. Os cipaios voltaram e ali voltaram em vão: uma, duas, três vezes, em três duas seguidos. Por ordem do Aspirante Quintanilha chegaram ali mais uma vez e escondidos no matagal em derredor, nesse dia, se fora preciso a noite também, rondariam a cubata incessantemente. O Assassino teria de ser apanhado.

Ao anoitecer, Mário, descontraído, entrou porta adentro na cubata. Quase no mesmo instante deu-se conta de

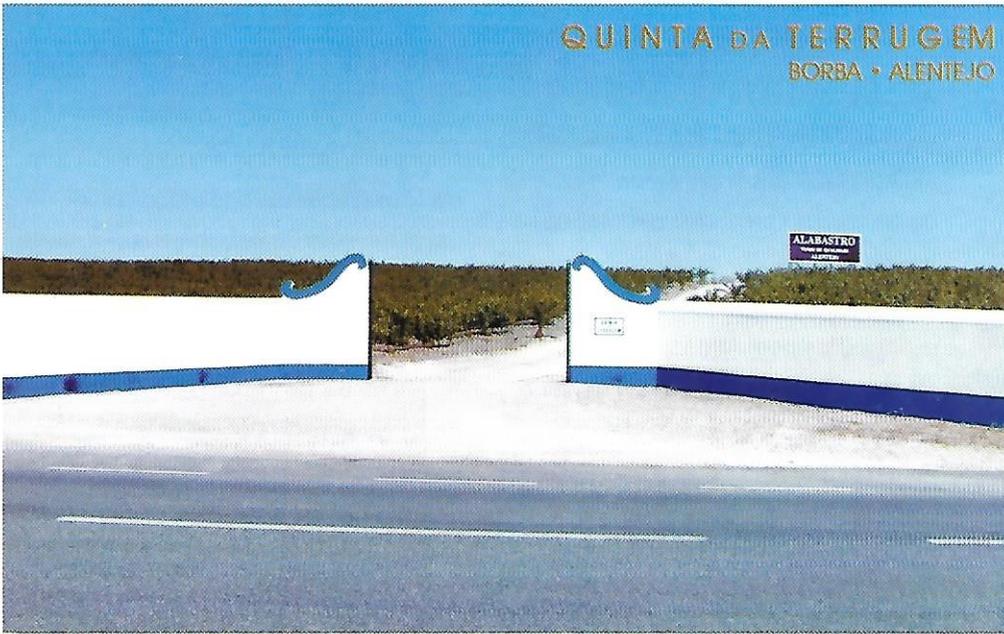
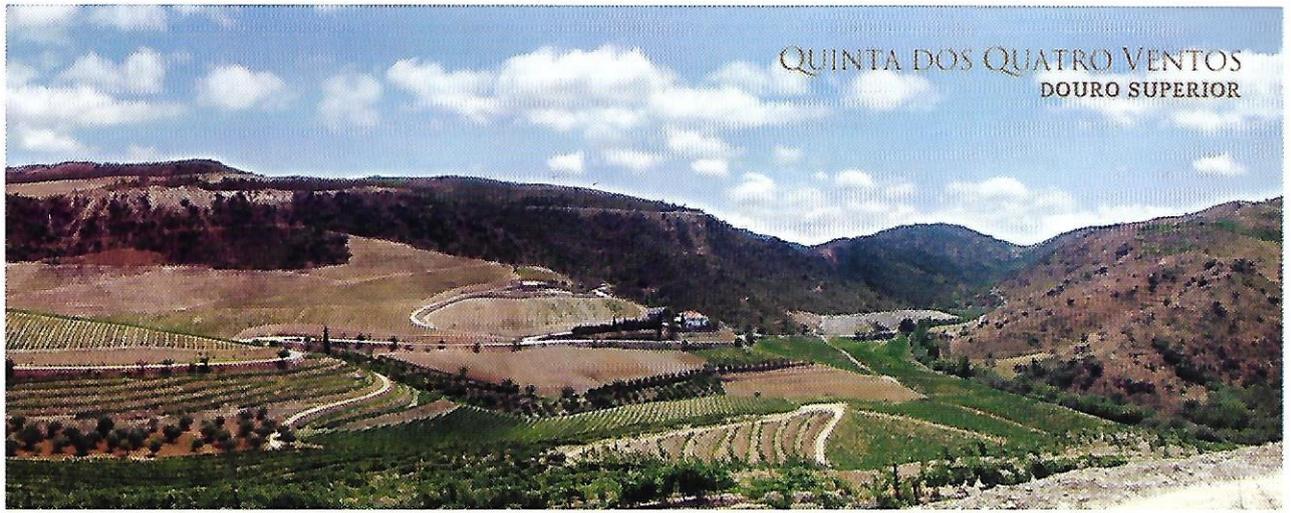
CAVES ALIANÇA

Há cerca de 75 anos, na Vila de Sangalhos, na região da Bairrada, onze sócios liderados por Domingos Silva e Angelo Neves, decidiram unir forças e fundaram a então designada por Vinícola de Sangalhos, Lda. Desde logo a empresa começou a exportar para o Brasil, África e Europa na década de 50, adoptou o nome que hoje conhecemos: Caves Aliança, e que, tanto em Portugal como no resto do mundo, é sinónimo de vinhos, espumantes e aguardentes de qualidade. As Caves Aliança cresceram e modernizaram-se, organizando-se numa estrutura de Grupo.

A aposta na qualidade levou a empresa a adquirir Quintas em regiões como o Alentejo, Dão, Douro, Bairrada e as Beiras. Nestas explorações foi encetado um profundo trabalho de reconversão e plantação de vinhas. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pela equipe técnica das Caves Aliança, em parceria com dois "world Class WineMakers" Michel Rolland e Pascal Chatonnet. O investimento feito nas áreas da produção estende-se também ao nível da vinificação, com instalação de modernas adegas e constituição de um parque de barricas de carvalho de elevada qualidade, para estágio dos vinhos. Paralelamente, a empresa tem investido em modernos sistemas de gestão/informação SAP e CRM.

Esta estratégia começa agora a dar os seus frutos, como poderemos constatar pelos enúmeros prémios obtidos recentemente. Como é o caso do "T" Qt^a da Terrugem 1999, considerado um dos melhores vinhos Ibéricos, os prémios da Revista de Vinhos, e de diversas revistas internacionais.

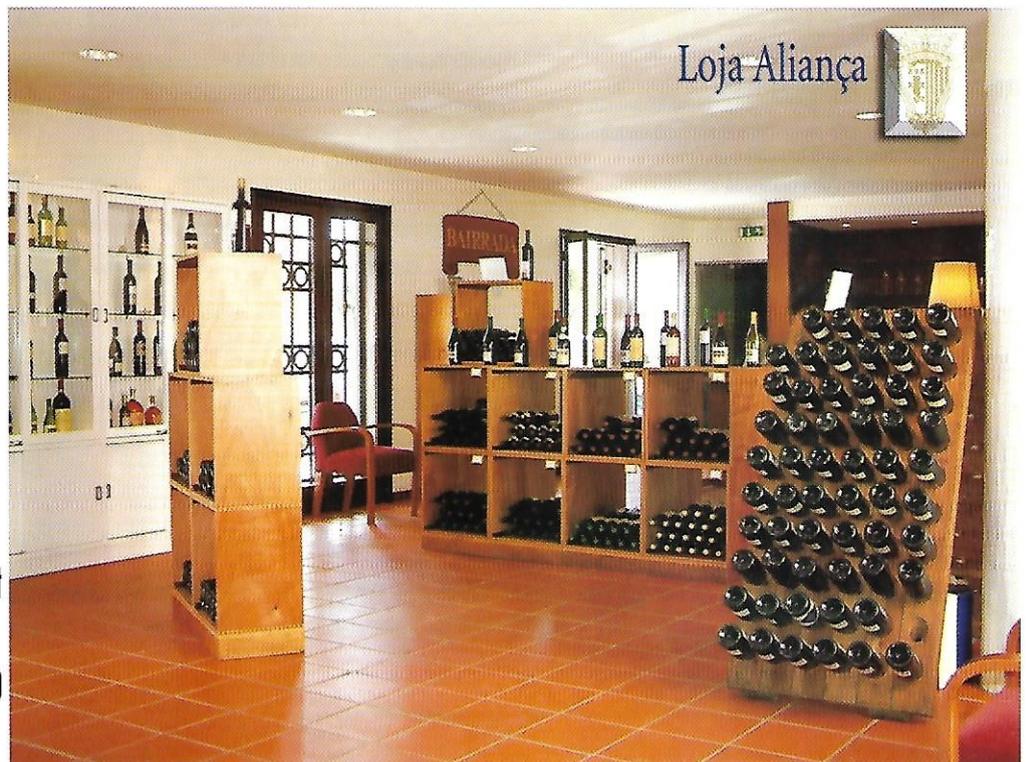




Caves Aliança, S.A.
Rua da Misericórdia
Sangalhos
Telef. 234 732 000

www.caves-alianca.pt
calianca@caves-alianca.pt

Visitas: 10h30, 11h30, 14h30
15h30, 16h30



estar encurralado e sem hipótese de fuga. De nada lhes serviram a altura e os músculos possantes que o marcavam. Viu-se amarrado e arrastado por aqueles homens que no aproveitar da oportunidade que se lhes oferecia, saciaram os seus instintos selvagens sovando-o incessantemente. Só na cadeia da Administração do Concelho do Amboim, para onde o acabaram por arrastar, parou o suplício infernal. Para ali atirado a um canto, amarrado e exausto, ficou fechado a “sete chaves” até ao dia imediato em que foi presente ao Aspirante Quintanilha.

Palmatoadas... Quantas?!... As mãos rebentaram-lhe em sangue. Abandonado sobre uma enxerga no interior da cadeia para onde fora levado de volta pelos cipaio, cogitou e cogitou: não! Não morreria na prisão.

Pela calada da noite, fazendo das fraquezas força, conseguiu, como que por artes mágicas, chegar ao telhado. Partiu ripas, retirou telhas. Fora, já no exterior da cadeia, fugiu para a mata com o prontidão que as forças enfraquecidas lhe permitiram.

Febri! caminhou pela floresta sem parar até que o sol raiou. Nos dias que se sucederam, descansava e dormitava em esconderijos durante o dia. Caminhar era à noite, a coberto das trevas. Tinha, porém, que comer. O meio mais fácil de o fazer era o de chegar-se, hoje a esta, amanhã àquela sanzala. Pela selva adentro sempre se encontrava alguém. Mesmo nos lugares mais recônditos e aparentemente inóspitos. A solidariedade e hospitalidade entre os humildes são, naquelas gentes, coisas inatas. São coisas que não carecem de escola. Não

se aprendem. São coisas idiossincráticas.

Se, todavia, pessoas caridosas por natureza o ajudaram na circunstância, também essas mesmas pessoas bem poderia, ser, por ingenuidade e medo, os delatores que levariam os perseguidores ao fugitivo, aliás, tal como veio a acontecer.

O Mário acabou por ser captura em plena mata, já próximo do Quirimbo.

A sua reentrada na Gabela fez-se a meio da tarde e pela estrada que, do Quinjumbulo, subiu até à Administração do Concelho. Como que em cortejo, aquele homem alto, espadaúdo, caminhava no centro do grupo. À frente, o cipaio Pompeu. Atrás o cipaio Fernando. Cada um deles sobraçando uma carabina “carapoché” daqueles do tempo da Primeira Guerra Mundial - que lhes haviam sido distribuídas para o cumprimento cabal da missão confiada. Um barbante de grossura média, barbante de sisal com nó corrediço, fora amarrado em torno do pescoço do prisioneiro. Uma das pontas segurava-a o Pompeu enquanto a outra mantinha-se nas mãos do Fernando. Os capitas, ladeando o grupo central e munidos de fortes cajados e catanas, compunham o cortejo triunfal. Para que a segurança não fosse menor, uma corrente de ferro fora presa aos pés do homicida, torneando-lhe os tornozelos por forma a que os seus passos não pudessem ser largos demais.

Assim se passeou aquele punhado de homens sob a curiosidade e espanto das pessoas dispostas em grupos à entrada dos estabelecimentos comerciais ao longo da que viria a ser a

Rua Dr. José Maria de Aguiar. Crê-se que, ao tempo, a rua ainda não teria nome.

Chegados lá ao alto, à Administração do Concelho, o prisioneiro foi presente, mais uma vez, ao Aspirante Quintanilha, que vibrou de júbilo com o feito digno de encômios levado a termo pelos diligentes cipaio, Pompeu e Fernando, que, na pertinaz perseguição empreendida, se haviam afirmado, a seu modo, em eficiência e eficácia inigualáveis.

Sem perda de tempo e para poupar aos mirones o aparato, o Mário foi de imediato conduzido, justamente amarrado, aos calabouços que lhe foram destinados.

Ao fim do dia de trabalho na Administração do Concelho, já à noitinha, o Aspirante Quintanilha retirou-se dos seus específicos afazeres de funcionário de secretaria e, levando consigo um aguçado chicote de cavalo-marinho, dirigiu-se à cadeia onde esperavam-no, de guarda, os cipaio Pompeu e Fernando e os três capitas.

No dia imediato, um cadáver. Mário não resistiu à violência dos seus algozes.

Do interior da cadeia saiu a tumba levada aos ombros de quatro homens também presos, guardados pelos cipaio.

Mário fora então a enterrar e, com ele, a história silenciada do crime na Estação do Caminho de Ferro.

angola: o conhecimento necessário dos bochímanes aos Kwangares: a génese da terra

A História da Humanidade está dividida em duas grandes épocas: a Pré-História e a História. A Pré-História decorreu durante centenas de milhares de anos e acabou quando os homens a inventaram a escrita. A sociedade humana da Pré-História era caracterizada por possuir instrumentos de pedra. Contudo, no que se refere à África Negra os homens nunca precisaram de inventar a escrita ou quando a inventaram, utilizaram-na muito pouco. Ora por causa de não haver escrita no início da vida dos povos de Angola, não quer dizer que continuem na Pré-História. Segundo os historiadores, teremos de adaptar esta classificação à realidade angolana, por isso também há uma Pré-História e uma História. Mas existiu uma época em que os povos já não usavam instrumentos de pedra mas sim de ferro, e ainda não havia documentos escritos do tempo, nem havia sociedades organizadas. A este período chama-se Proto-História. Estas são as razões pela qual se deve classificar a História de Angola em duas grandes épocas chamadas Pré-História e História, existindo pelo meio uma época intermédia chamada Proto-História. Existem alguns vestígios em Angola da época da Pré-História, mais

concretamente da Idade do Paleolítico e que se situam na Lunda, Guangar, Congo e no deserto do Namibe.

Foi durante a Proto-História que se deram as primeiras migrações dos povos para Angola. Os primeiros foram os Bochímanes que não eram de raça negra nem falavam uma língua Banto como falam todos os outros povos. Quanto aos indivíduos de raça negra do centro de África essas migrações começaram no séc. XIII e um desses povos emigrantes foi o grupo Bakongo que se instalou na margem esquerda do rio Zaire (Noroeste de Angola).

No séc. XVI, ou mesmo antes, os Nyanhecas entraram pelo sul de Angola, atravessaram o Cunene e instalaram-se no planalto da Hulla. No mesmo séc. um outro povo abandonava a sua terra no centro de África e veio também para terras angolanas. Eram os Hereros, um povo de pastores. Os Hereros entraram pelo Este de Angola, atravessaram o planalto do Bié e foram instalar-se entre o deserto de Moçamedes (Namibe) e a Serra da Chela. No ano de 1568, entrava um novo grupo pelo Norte: os Jagas. Este grupo combateu contra os Bakongos e foi expulso, tendo-se ido instalar na região de Kassanje.

No séc. XVIII, entraram os Ambós, que se foram instalar entre o Alto-Kubango e o Cunene. No mesmo século os Kiokos abandonaram o Katanga e atravessaram o rio Kassai, indo-se instalar na Lunda, no nordeste de Angola. Aí os Lundas vieram cobrar-lhes impostos e os Kiokos voltaram a emigrar principalmente para o Sul. Por último, no século XIX apareceu um último povo que veio instalar-se em Angola: os Kuangares, ou Ovakwangali chefiados por Sebituane. Estes vieram do Orange, na África do Sul e foram-se instalar no Alto Zambeze. Então chamavam-se Macocolos. No Alto Zambeze, alguns passaram para o Kuangar no extremo Sudoeste Africano, onde estão hoje, entre os rios Kubango e Kuando. Em virtude de todas estas migrações houve frequentes guerras entre estes povos, o que os obrigavam a construir grandes muralhas de pedras para se defenderem, em volta das sanzalas.

Há em Angola muitas ruínas de antigas muralhas de pedra, sendo mais abundantes no planalto do Bié e no planalto da Hulla.

vivo a sonhar... meditando

silva carvalho

Acompanhando os meus pensamentos, hora a hora, em cada dia, agora com setenta anos, volvidos 28 anos radicado em Portugal (no continente como lá se dizia...), a nostalgia apodera-se cada vez mais de mim e, não raro, dou-me a matutar nos meus tempos de infância e adolescência passados em África, mais propriamente em Angola onde revejo cenários da minha vivência, procurando as razões que a influenciaram primeiro, na minha infância, depois na adolescência, culminando numa maturidade onde, em cada momento, me apercebi da terra em que nasci, tão grandiosa, que me viu crescer, lançar-me na vida, orgulhoso de a ver progredir comigo, inebriado pelo esplendor dos seus encantos - as manhãs, o por do sol, as noites amenas e estreladas e o outro dia cada vez mais sedutor - e dos prazeres que me concedeu vividos sempre fortemente e em plena felicidade - esse foi, sem dúvida o meu privilégio que compartilhei sempre com os que me rodeavam - vivendo intensamente cada momento. Hoje acredito e estou em crer que o prazer da minha experiência de vida se deve ao feitiço que emanava de tudo o que me rodeava em cada uma daquelas povoações e das gentes que conheci e a que me dediquei de alma e coração, à medida que crescia e começava a compreender que a elas me prendia, fascinado pelo atractivo de cada um dos empolgantes encantos por que me apaixonei, sempre pronto a descobrir mais e mais, desejoso de

compreender porque comecei a amar tanto a minha terra e aquelas famílias simples que tanto se empenhavam no seu desenvolvimento, em dura labuta, muitos, mas muitos, comendo o pão que o diabo amassou e, de início, passando privações e sujeitos a todos os males causados por doenças fatais para muitos. Foi com muito sacrifício, sangue, suor e lágrimas e muita tenacidade que se construiu Angola, de Cabinda ao Cunene e de Benguela ao Moxico.

Presto homenagem a todos os portugueses que procuraram África, se fixaram em Angola e dela fizeram a sua Terra, construindo cidades, desbravando o interior, constituindo famílias e núcleos populacionais, que povoaram a imensidão do seu território, sem qualquer apoio, dedicando-se ao comércio, agricultura, pecuária, indústria, pesca e tantas outras actividades, produzindo para o seu sustento e riqueza do território - colónia e/ou província - tornando-o num potencial económico que beneficiou não só as populações locais, que sempre conviveram, mas toda a nação lusitana pelo intercâmbio da matéria prima que foi o sustento da indústria em Portugal.

Àqueles que trabalharam e ensinaram a trabalhar a terra - AO COLONO, hoje e



sempre tão esquecido e até injuriado - nunca reconhecido - eu saúdo, como luso-angolano, saudoso e orgulhoso (não saudosista), por com eles ter compartilhado a vivência em Angola e por saber que também em Portugal, com o seu regresso, têm contribuído, como lá, para a sua prosperidade - usando e aplicando a experiência antes comprovada na construção de um País, antes território português - hoje Nação independente, que muito respeito e, estou certo todos respeitamos.

É meu desejo e de certeza de todos que lá estiveram, que Angola uma vez restaurado o equilíbrio e em paz, enverede na senda do progresso e recupere a economia em prol do seu Povo - o Povo mártir.

Que o povo angolano viva feliz, como eu vivi, que ame a sua terra como eu também amei - como todos nós tanto amamos ANGOLA.

mais um pouco de angola

O território angolano e a sua situação geográfica

A República Popular de Angola situa-se na região ocidental da África Austral, entre as latitudes 4° 22' e 18° 02'S e as longitudes 11° 41' e 24° 05'E. O território ocupa uma superfície de 1.246.700 km² com uma fronteira marítima de 1.650 km e uma fronteira terrestre de 4.837 km. Faz fronteira a Norte com a República Popular do Congo e a República do Zaire; a Leste com a República da Zâmbia e a República do Zaire, e a Sul, com a Namíbia. No sentido Norte-Sul o território tem um comprimento, máxima, de 1.277 kms e, no sentido Oeste-Leste, uma largura máxima de 1.236 kms.

Estrutura geológica

A estrutura geológica de Angola é caracterizada por três unidades principais:

Orla Litoral – Zona estreita, acompanhando a costa, e que constitui 3,3% do conjunto da superfície territorial.

Maciço Antigo – Abrange duas grandes formações pré-câmbrias constituindo 38% da superfície territorial.

Formação de Cobertura – Ocupa cerca de 59% do território e é constituída por formações do cretáceo continental e formações psamíticas e gresosas.

Esboço geomorfológico e hipsometria

Consideram-se seis grandes unidades do ponto de vista geomorfológico: faixa litoral zona de transição para o interior, cadeia marginal de montanhas, planalto antigo, bacia do Zaire e bacias do Zambeze e do Cubango. As bacias ocupam 60,8% do total do território, caracterizada por extensos planaltos do interior e pelo relevo do Talude Atlântico disposto em escadarias em direcção ao oceano.

Cerca de 65% do território situa-se a uma altitude compreendida entre mil e 1.600 metros registando-se, na região central do País, as maiores altitudes de Angola; montes Moco (2.620m) e Meco (2.583m).

Hidrografia

Atendendo à configuração geográfica, situa-se na região planáltica do centro do País a origem dos rios mais importantes, correndo estes em três sentidos: Atlântico, ou seja Leste-Oeste, Sul-Sueste e Norte.

Consideram-se cinco grandes bacias hidrográficas referentes aos rios:

– Kwanza (960 kms), correndo para o Norte em direcção ao Atlântico, navegável numa extensão de duzentos kms por embarcações de pequeno porte.

– Kunene (945 kms), correndo para o Sul e derivando para o Atlântico, navegável numa extensão de duzentos

kms servindo de fronteira Sul com a Namíbia em parte da sua extensão. – Kubango (975 kms), correndo em direcção à Namíbia.

– Queve, dirigindo-se no sentido Este-Oeste.

Angola possui duas regiões climáticas distintas

A situação do País, na zona inter-tropical e subtropical do hemisfério sul, a proximidade do mar, a corrente fria de Benguela e as características do relevo constituem os factores determinantes que, conjugados, permitem caracterizar duas regiões climáticas distintas.

– Região litoral - com humidade relativa média anual superior a 30 %, precipitação média anual inferior a 600 mm que desce de Norte para Sul, apresentando no litoral de Cabinda valores de 800 mm e, no Sul, de Moçâmedes precipitações médias de 50 mm.

A temperatura média é superior a 23°C.

– Região interior - subdividida em três zonas.

– Zona Norte, com elevada queda pluviométrica e temperatura elevada; Zona de altitude, abrangendo as regiões planálticas do centro caracterizadas por temperaturas médias anuais da ordem dos 19° C, com uma estação seca de temperaturas mínimas acentuadas;

– Zona sudoeste, semi-árida,



atendendo à proximidade do deserto do Calaári, com precipitações anuais variando de 600 mm a 1.000 mm mal distribuídas. Temperaturas baixas na estação seca e elevadas na estação quente. Região sujeita à influência de grandes massas de ar tropical continental.

Uma flora bastante diversificada dada a extensão do território

A flora do País é bastante diversificada dada a extensão do território, a variedade de tipos

climáticos e diversidade de solos – 44,5% são ferralíticos – agrupando-se em seis formações principais:

– De arbustos, sub-arbustos e ervas lenhificadas.

Vegetação característica da região litoral de Benguela e Moçâmedes – aqui se encontra, no deserto, a espécie rara “Welwitschia Mirabilis”.

– De savanas, associadas a

comunidades herbáceas.

Características do litoral de Cabinda, encontrando-se, igualmente, na parte Noroeste de Angola e dispersa por todo e território.

– De maço de espinheiras.

Predominam nas províncias de Kwanza-Sul e Benguela, deserto de Moçâmedes e região sub-árida do Sul.

– De matas de porte médio mais ou menos abertas, a Leste e a Sul.

– De matas de porte médio e ou matagais muito densos - nas periferias das grandes florestas e em pequenas manchas existindo principalmente na região sub-litoral.

– De florestas muito densas na região de Cabinda - floresta do Maiombe.

Os recursos naturais de Angola

Florestais – Angola possui vastos recursos concentrados, fundamentalmente, na província de

Cabinda. Floresta do Maiombe, onde predominam madeiras de expressivo valor económico tais como pau-preto, ébano, sândalo africana, pau-raro e pau-ferro.

Piscícolas – Com uma orla marítima de 1.650 kms a costa angolana possui um litoral rico em peixes, moluscos e crustáceos. As espécies características de água fria predominam na província de Moçâmedes e as espécies de temperatura tropicais, na costa de Benguela.

Fauna – É bastante rica e variada destacando-se a presença de espécies raras - palanca preta (Hippotragus Niger) e rinoceronte branco (Rhinocerotidae) existindo vários parques nacionais como a da Quissama, Luanda e Lunda, Virei, entre outros, para conservação dos recursos existentes.

Minerais – Angola é um País com variados recursos minerais destacando-se, pelo seu aproveitamento económico, o petróleo, os diamantes, o ferro, o manganés, o cobre, o asfalto, os mármore e minerais raros. As principais bacias petrolíferas, em exploração, situam-se junto à costa, nas províncias de Cabinda e Zaire, no Norte do país. A área diamantífera da Lunda é considerada das mais importantes do mundo. Em várias regiões do país existem elevados recursos em minérios de ferro.

Hidráulicos – O potencial energético dos rios angolanos é considerável. Calcula-se que só o aproveitamento integral do rio Kwanza permitiria uma produção de trinta biliões de Kwhlano.

A população da pais e caracterizada pela sua juventude

Conforme censo ajustado de 1970 a população da República Popular de Angola totalizava, nesse ano 5.711.136 habitantes dos quais 48% eram do sexo feminino. Os resultados desse censo não são contudo seguros, uma vez que a recusa de fornecimento de elementos, por parte significativa da população e o não acesso às regiões libertadas aliadas carências em meios materiais, à fraca preparação e reduzido número de agentes incumbidos da inquirição dos recenseados conduziram a que a enumeração realizada na altura tenha sido subestimada e defeituosa.

Contudo, com base nesse censo de 1970, foram feitas estimativas do crescimento natural da população que prevêem, para o ano de 1978, uma população de 6.768.570 habitantes, admitindo uma taxa de crescimento anual, calculada para o período de 1975-180, de 2,44 96 e uma taxa de crescimento de 2,27%, para o período de 1970-180. A densidade demográfica estimada é de 5,7 habitantes por quilómetro quadrado, o que, no contexto africano, se pode considerar entre as mais baixas.

A população do País é caracterizada pela sua juventude pois que 42% dos seus habitantes possui menos de quinze anos de idade e somente 4% possui mais de sessenta anos, andando a idade média da população pelos 18,6 anos. A taxa bruta de mortalidade estimada é da ordem dos 2,25 % e a esperança de vida, à nascença, ronda os 41 anos. Calcula-se que nasçam, actualmente, 46 crianças por cada mil

habitantes – o que está dentro dos parâmetros do Continente Africano – estimando-se que a cada mil mulheres em idade fértil correspondem 220 nados-vivos.

Vivem, nas zonas rurais, aproximadamente 85% dos habitantes do País, notando-se, contudo, nos últimos anos, um fluxo migratório interno crescente para as zonas urbanas por razões sócio-económicas. Igualmente se assiste ao regresso de centenas de milhares de angolanos que, durante o período colonial se tinham refugiado nos países vizinhos. Calcula-se em 44% a população do País em idade laboral.

A repartição geográfica da população é caracterizada por uma maior concentração populacional nas províncias do centro do País, onde vivem mais de 40% dos habitantes, e junto aos grandes centros urbanos. As províncias mais populosas são a do Huambo e a do Bié. As províncias com maior extensão territorial – Kwando Kubango e Moxico – possuem somente 5% da população registando-se nessas regiões densidades demográficas da ordem de um habitante por km². As principais regiões urbanas são: Luanda, Huambo, Lobito, Benguela e Lubango, calculando-se que a região de Luanda conte actualmente com mais de setecentos mil habitantes.

Balança comercial

Durante o ano de 1979, a República Popular de Angola importou mercadorias no valor de 28.093.069 mil kwanzas, correspondendo, a produtos

alimentares, 7.326.455 mil kwanzas; têxteis e calçado, 2.341.490; equipamentos, 11.015.906; bens de consumo, 1.292.622; produtos químicos, 800.674; matérias primas, 3.050.948; ferramentas, 1.191.079; medicamentos e instrumentos médicos, 715.979; e outros, no valor de 357.916 mil kwanzas. No ano anterior, contudo, o valor global das importações alcançara os 19.158.934 mil kwanzas, assim distribuídos: para produtos alimentares: 5.382.673 mil kwanzas; têxteis e calçado, 1.446.989; equipamento, 3.940.191; bens de consumo, 2.209.168; produtos químicos, 562.987; matérias primas, 4.098.656; ferramentas, 478.386; e medicamentos e instrumentos médicos, 1.039.884 mil kwanzas.

Em 1979, as exportações angolanas atingiram o montante de 39.530.786 mil kwanzas, representando os seguintes produtos, petróleo bruto (26.745.944 mil kwanzas), derivados de petróleo (2.497.916), café (5.699.943), diamantes (4.218.973), cimento (59.120), sisal (164.603), farinha de peixe (39.650), além de outros, no valor de 104.637 mil kwanzas. Entretanto, no ano anterior, o valor das exportações tinha-se situado em 27.739.086 mil kwanzas, referente a petróleo bruto (16.507.114 mil kwanzas), derivados de petróleo (1.102.715), café (6.732.105), diamantes (2.996.560), cimento (89.722), sisal (82.398), farinha de peixe (59.619), madeira em bruto (469), milho (605) e outros, a representar 167.779 mil kwanzas.

o café do mundo

ÁFRICA

Como berço do café, é lógico que o continente africano produza alguns dos melhores cafés do mundo. Porém, problemas sociais, políticos e económicos em muitos países tornam a produção de café uma tarefa difícil.

Angola

No século XVIII, os colonizadores portugueses começaram a cultivar café naquela que é hoje a República Popular de Angola. Embora a robusta não seja geralmente uma palavra associada a grande qualidade, é exactamente isso que distingue as melhores robustas angolanas (Ambriz e Amboim) das dos outros países. Os grãos são uniformes em tamanho e cor, bem processados (principalmente pelo método a seco), escolhidos e cuidadosamente classificados. A robusta é cultivada em cafezeiros nas planícies do Norte, perto do deita do rio Congo. O planalto interior de Angola possui um clima

muito mais temperado do que as planícies e a sua altitude, de 1800m, permite algum cultivo de arábica suave, despretensiosamente neutra e que, numa mistura, pode facilmente substituir um Santos brasileiro de qualidade média. Contudo, devido à devastação da guerra civil, é muito escassa; antes do tratado de paz de 1994, a produção caiu para 33.000 sacas, comparada com 3,5 milhões em 1973.

Benim (antigo Daomé)

Com uma forma a lembrar uma chávena invertida, o Benim apenas pode cultivar café no Sul, a sua zona menos árida, onde muitos pequenos proprietários intercalam os cafezeiros com palmeiras. Embora o café do Benim (robusta e alguma arabusta) seja uma safra demasiado pequena para constar na percentagem da produção mundial, exporta-se mais do que, provavelmente, se cultivava, devido a acções de contrabando com a Nigéria.

Burundi

O café traz muito mais lucro a este pequeno país africano do interior do que qualquer outro bem. Na verdade, os seus cidadãos, embora apreciem a muito boa arábica lavada que o Burundi cultiva mais do que a robusta, consomem menos de 1% desta, preferindo os lucros da exportação da restante, que é de boa qualidade, limpa, bem classificada, com boa acidez e bom corpo. Contudo, devido à agitação tribal, há alguma preocupação com a futura produção de café.

Camarões

Os Camarões são conhecidos como produtores de café robusta, embora cerca de 113 da sua safra seja a variedade de arábica Blue Mountain, que é cultivada nas regiões vulcânicas ocidentais. Principalmente processada por lavagem, houve uma altura em que os cafés de arábica produzidos nas plantações europeias igualavam a





elevada qualidade dos da América Central. Os rebentos de robusta, trazidos de Zaire, são hoje cultivados em todas as províncias, excepto no extremo norte.

Cabo Verde

Cabo Verde, ao largo da costa ocidental de África, não é membro da International Coffee Organization, pelo que não há estatísticas sobre a sua produção actual de café. Os Portugueses, que dominaram estas ilhas, desde o século XV até 1975, plantaram cafezeiros de arábica pela primeira vez em 1790. A gradual desertificação das ilhas, devido a várias secas, reduziu a produção de café no solo vulcânico apenas às vertentes mais elevadas, entre 500 e 900m.

Não há energia hidroeléctrica e não é possível qualquer irrigação, pelo que a água é preciosa e escassa; porém, a humidade do nevoeiro, gerado pelos ventos alísios de noroeste, mantém os poucos cafezeiros que restam, os quais também servem como protecção contra

o vento e para deter a erosão do solo. Num bom ano, o café produzido, processado a seco, pode ser suficiente para exportar, principalmente para Portugal, mas os ilhéus, eles próprios bebedores de café, têm, em geral, de o importar, principalmente de Angola, a fim de satisfazer a procura local.

República Centro-Africana

A República Centro Africana, que fazia parte da África Equatorial Francesa, ainda vende a maior parte do seu café a França, o que constitui uma receita muito importante para o país. A Itália é outro dos principais compradores. As variedades de robusta são a *canephora vulgar* e a *robusta Nana*, mais interessante, outrora descoberta a crescer de forma selvagem nas margens do rio Nana, no extremo da região ocidental. O café é cuidadosamente classificado, sendo consistente em qualidade.

angola

carmen magalhães

Eu parti
E tu ó mocidade ficastes
Eu parti
Fugi da dor, do fogo, da fome
Fugi do bicho Homem
Da fera Guerra.

Cada minuto que passava
Era um século
Uma eternidade,
Incrédula ainda estou
Desta verdade.

Vejo-te em sonho
ó Terra
Suspiro por ti
Como noiva amante suspira
Relembro-te bocado a bocado
E fragelar de dor
É o meu coração
Que não dá perdão
A quem te matou.

Sim Terra és nada
Poeira pisada
Por mãos ávidas
De tudo
De nada
Inconsciências mandadas
Ocas e más
Que pétalas a pétalas
Te arrancarão
E não mais plantarão
Rosas iguais
Só espinhos pisarão
E nem esses ais
Terão o meu perdão...

** Natural de Lisboa, residiu em Angola. É casada com Ângelo Magalhães (Lelé), nascido na Gabela*

o bushinha lusitano

jorge domingues

Agora quando se debatia a intervenção norte-americana no Iraque, o nosso defensor dos direitos humanos escandalizou-se com aquela intervenção, alegando não haver razão para o ataque.

Defendeu vivamente os interesses do povo iraquiano e argumentou que o problema residia no facto do Iraque ter grandes reservas de petróleo e de barata extracção. Até concordo! Também assim penso não me alongo mais para expor a dualidade de critérios que presidem às decisões mundiais. Há países que não podem ter armas

porque pertencem ao eixo do mal, mas outras que também deviam pertencer já podem - por acaso todos sabemos onde existem mais armas de destruição em massa.

Mas o nosso Bushinha que tem esta postura com que muito gente de bom senso concorda, quando se envolveu na descolonização de Angola não pensava assim. Os portugueses que lá viviam puderam ser tratados como foram e ele achou bem; se fossem iraquianos provavelmente já os defendia. O Iraque tem petróleo, por isso tanta cobiça - Angola tem muito mais, de muito melhor qualidade e tem

ouro e ferro e volfrâmio e diamantes e cobre e café e pescado e agro-pecuária e tudo e muito mais e muito melhor e o nosso Bushinha não sabia, coitado. O responsável primeiro e todos os outros responsáveis por tantas mortes, por tanta miséria deviam era ficar calados por respeito, quanto mais não fosse pelas mortes que provocaram.

Pode ser que o vento da história mude e que daqui a uns anos, quando a verdadeira história for escrita, este e outros senhores sejam qualificados como merecem - tão pequeninos no Portugal dos pequeninos.

extrato de conta corrente reportado a 31 de dezembro de 2002

movimentos de receitas

Saldo em 31 de Dezembro de 2001	4.469,68 •
Quotas e donativos	2.773,62 •
Juros de depósitos	107,34 • 2.880,96 •
Soma	1.713.647\$00

movimentos de despesas

Correio	553,75 •
Aluguer da aparelhagem de som	249,40•
Aluguer do Parque das Merendas	249,40 •
Aluguer das mesas	341,68 •
Comp. gráfica Boletins n.ºs 10 e 11	682,50 •
Impressão e acabamento do Boletim	
“O Gabelense” n.º 10	300,00 •
Requisição de um livro de cheques.....	21,20 • 2.397,93 •
Saldos:	
Em depósitos à ordem	962,33 •
Em depósitos a prazo	3.990,38 • 4.952,71 •
Soma	7.350,64 •

As contas referem-se ao movimento da actual direcção e são reportadas ao ano de 2002, com o apuramento do saldo de Euros: 4.952,71, comprovado pela prestação de contas da tesouraria.

O Tesoureiro, ass. Acacio Oliveira

O Presidente, ass. Luís Henrique da Silva Carvalho

humor aos pedaços

artur neto gonçalves*

Aqui ficam patentes algumas críticas a este livro divulgado no n.º 10 (Junho 2002) do nosso Boletim "O Gabelense":

Experimentem e leiam as primeiras páginas deste livro. Acham que conseguem parar?

SINTRA, Jornal da Região - 10, Dez. 2002.

É uma recolha preciosa que se fica a dever ao fino espírito de humor do autor, à sua persistência científica de apurado gosto cultural e muito poderá contribuir para a terapia dos males psicológicos que afectam uma boa percentagem da população portuguesa. É um contributo assinalável à cultura e à sanidade mental dos leitores, um tesouro de ideias e uma boa recolha de suspiros da alma humana.

**D. José Francisco Sanches Alves,
Bispo Auxiliar de Lisboa**

Acaba de ser publicado um livro invulgar – que é um monumento à memória dos nossos tempos. Filósofos gregos vendiam pedaços de sabedoria por moedas de metal. Quanto teríamos nós de dar pelo acervo que está contido nesta obra?

Podemos dizer, sem receio de errar: quem compra o "Humor em Pedaços" pratica uma boa acção, a favor de si mesmo.

Dr. Dias da Costa, poeta e escritor

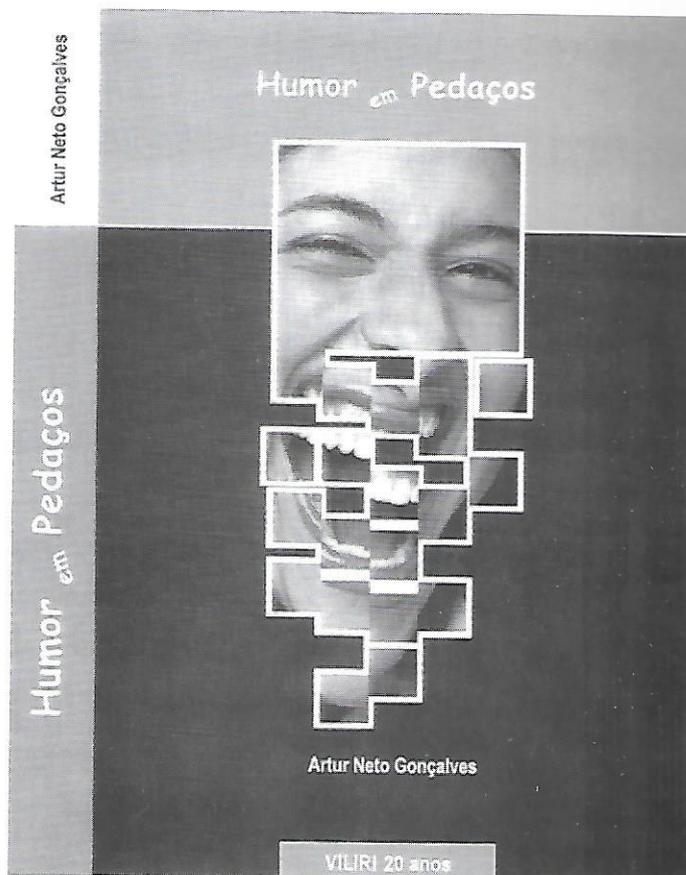
Devo dizer que gosto imenso da obra, sobretudo da forma simples e incisiva com que apresenta os trechos de humor. O autor consegue expor facécias e histórias cheias de encanto e prenhes de humor sadio e sábio. Outros levariam dezenas de linhas, quiçá páginas, para apresentar os textos.

Dr. Paulo Leitão

O livro "Humor em Pedaços" é seguramente "uma pequena livraria" onde estão patentes os objectivos de "divertir, informar e ajudar a criar o gosto pela leitura"... Gostei do humor instrutivo capaz de nos ocupar o tempo dedicado à leitura de uma forma agradável, sem esquecer a vertente utilitária... Volto a repetir que foi muito agradável ler todo o livro. Obrigada pelos muitos minutos de boa disposição e descoberta.

Dr.ª Rosa Espada

É um livro indispensável a portugueses e estrangeiros que desejem conhecer



bem o nosso idioma, livro de riqueza inesgotável.

Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa

O livro "Humor em Pedaços" é um livro ótimo para saborear aos bocadinhos – como se saboreia um bom cálice de Porto –, para alegrar a vida. Ótimo também para reflectir sobre a nossa vida e o nosso mundo, suas alegrias, contradições, absurdos e facécias.

Dr. Manuel Leal Fernandes

* licenciado pela faculdade de Letras de Lisboa

CAMAPE, LDA E IRMÃOS CASTRO

Camape, Lda. e Irmãos Castro, contribuíram com alguns bens materiais para a construção do Centro Cultural da Rainha Santa Isabel da Paróquia da Gabela, inaugurado este ano, o qual é composto de um grande salão para 600 pessoas sentadas, com biblioteca e sala de leitura de apoio a jovens que não têm nem livros nem lugar para estudar. Também está dotado de uma sala para formação de informática.

Já se dispuseram também a colaborar na reparação da Igreja Paroquial da gabela, que se encontra muito danificada em estreita colaboração com o Sr. Padre Augusto Farias.

